

# *A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil*

THE SOCIODIALECTAL DIMENSION IN THE LEXICON  
OF THE BRAZILIAN LINGUISTIC ATLAS

Abdelhak **RAZKY\***

**Resumo:** Graças à mobilidade comunicativa dos falantes, é possível falar hoje de mobilidade lexical, fluxo lexical e contínuo lexical. De fato, o léxico é uma dimensão importante em que é possível mapear a variabilidade e medir sua produtividade. Neste artigo, tomamos o léxico como objeto de estudo procedendo a uma análise sociodialetal do item lexical “*cigarro de palha*”, que integra o campo semântico *Convívio e Comportamento Social* do Questionário Semântico-Lexical (QSL), do projeto nacional Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Trata-se de uma abordagem geolinguística multidimensional, que tem por objetivo a elaboração de uma carta lexical para a visualização da variação diatópica, diastrática, diagenérica e diageracional do item lexical analisado. O resultado do trabalho aponta mudanças na gestão do espaço dialetal brasileiro devido à metodologia do ALiB, que integra uma amostra estratificada socialmente e em nível nacional.

**Palavras-chave:** Variação lexical. Geolinguística multidimensional. Atlas Linguístico do Brasil.

**Abstract:** It’s possible to speak of lexical mobility today, lexical flow, lexical continuum due to speakers’ communicative mobility. In fact, the lexicon is an important dimension in which it is possible to map the variability and measure its productivity. In this article, we take into account the lexicon as an object of study for a sociodialectal analysis of the lexical item “*cigarro de*

---

\* Mestrado (1987) e Doutorado (1992) em Linguística, pela Université de Toulouse Le Mirail. Pós-doutorado Université de Toulouse Le Mirail (2003). Atualmente, é docente e pesquisador na Universidade Federal do Pará. Contato: razky@ufpa.br.

*palha*”, which integrates the semantic field “Gatherings and Social Behavior”, from the Lexical and Semantics questionnaire (QSL) of the national project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB). It is a geolinguistic multidimensional approach that aims to draw a lexical map that shows diatopic, diastratic, diagenetic and diagenetic variation of the lexical item under analysis. The result of the work points to changes in the management of the Brazilian dialectal space due to a methodology that integrates ALiB’s social stratification nationally.

**Key-words:** Lexical variation. Multidimensional geolinguistics. Linguistic Atlas of Brazil

## Introdução

O léxico é entendido como “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (DUBOIS et al., 2006, p. 364). Para Biderman (2001, p. 179),

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Sendo assim, o léxico tem sido estudado sob várias perspectivas. Há, de um lado, pesquisas que se voltam para o estudo da história do léxico, descrevendo-o e analisando-o com base numa abordagem diacrônica. De outro, existem aquelas que, por meio de pesquisa de campo, registram o falar de determinadas comunidades linguísticas, num plano sincrônico, ou que fazem, ainda, um estudo léxico-comparativo entre o estado atual da fala e os documentos escritos em épocas anteriores, com base, por exemplo, nas correspondências trocadas entre familiares, amigos etc..

A preocupação com a dimensão lexical teve ainda como objetivo a elaboração de dicionários de língua geral, o que contribuiu para a instituição de disciplinas como a Lexicologia e a Lexicografia. Outro interesse nessa

dimensão lexical motivou a elaboração de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos que proporcionaram o desenvolvimento de disciplinas como a Terminologia e a Socioterminologia. Da Terminologia, destaca-se a Teoria Geral da Terminologia (TGT), desenvolvida por Wüster (1959), com enfoque mais estruturalista. A Socioterminologia, por sua vez, tomou por base o valor social e contextual do termo, como defende Gaudin (1993). Nesse mesmo período, temos a contribuição de Cabré (1995), fundadora da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). No Brasil, os trabalhos de Faulstich (1995) e outros deram um salto significativo nos estudos do léxico do ponto de vista da variação em terminologia.

Ao longo dessa evolução teórico-metodológica dos estudos sobre o léxico, a Dialetoлогия e a Geografia Linguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças lexicais ocorridas graças às transformações sociopolíticas e geopolíticas de várias regiões no mundo. Por isso, essas duas disciplinas se mantiveram vivas do final do século XVIII até os dias atuais.

O mais surpreendente ainda é que, no Brasil, a partir de 1996, a Dialetoлогия e Geografia Linguística tiveram um considerável avanço, que pode ser verificado pelo número de publicações científicas de grande porte representadas pelos atlas linguísticos regionais e pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB –, cujos frutos já se verificam em teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais e em encontros dedicados à Geografia Linguística, como o Workshop do projeto ALiB, encontro anual realizado na Universidade Federal da Bahia, e que reúne os pesquisadores brasileiros dessa área para discutir o andamento do registro da variação linguística no âmbito do projeto nacional ALiB.

O léxico tem caracterizado os estudos em Dialetoлогия que sempre demonstraram a urgência que há no registro da diversidade lexical do português, como afirma Couto (2009, p. 146):

Ao lamentar o desaparecimento dos dialetos rurais, não estou propugnando por um iletramento, um não-acesso ao DE [dialeto estatal]. Pelo contrário, estou lamentando a perda de todo um conhecimento que se vai com o desaparecimento de uma variante do português. Isso porque, quando uma palavra desaparece, o fato se dá

porque a coisa designada por esta também desapareceu ou, pelo menos, o conhecimento que a comunidade tinha da coisa, como sabiam os membros da escola dialetológica Wörter und Sachen (palavras e coisas). O que estou defendendo é a variedade, a diversidade de dialetos, inclusive o dialeto estatal. Como nos ensina a natureza, diversidade representa riqueza, no caso riqueza de meios expressivos, o que não é algo ruim que deve ser extirpado, como querem os normativistas para as variedades não padrão, não estatais.

O projeto ALiB corrobora toda uma história de estudos dialetológicos voltados para o registro, entre outros, da variação lexical. Trata-se de um marco divisório entre estudos dialetológicos voltados para metodologias que focalizavam o espaço rural e estudos voltados para o contínuo rural-urbano em razão das mudanças sociopolíticas e econômicas. Os estudos do léxico têm se beneficiado desse passo importante na história da dialetologia brasileira, cujos aspectos importantes delineamos a seguir.

## **1 Geolinguística: contexto e avanços metodológicos**

### **1.1 Estudos dialetológicos no Brasil**

A dimensão continental do Brasil oferece um campo rico para os estudos dialetológicos, uma vez que o país apresenta um cenário de diversidade linguística tanto regional quanto social. Por esse motivo, os estudos dialetológicos acompanharam os avanços teórico-metodológicos desenvolvidos na Europa, sobretudo no final do século XIII.

No Brasil, os estudos de cunho dialetológico tiveram início, segundo Cardoso (1997), no final do século XIX e início do século XX. Com publicações como o *Dicionário da Língua Brasileira* (PINTO, 1832), o *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da Língua Portuguesa* (RUBIM, 1853), o *Popularium subriograndense e o dialeto nacional* (ALEGRE, 1872), *A linguagem popular amazônica* (VERÍSSIMO, 1884), *O dialeto caipira* (AMARAL, 1920) e *A língua do Nordeste* (MARROQUIM, 1934), *O linguajar carioca* (NASCENTES, 1953), desenvolveram-se estudos que, ao lado dos glossários regionais, caracterizaram os rumos dos estudos dialetais no Brasil.

Para resumir as tarefas dos estudos dialetais, vale citar Cardoso (2010), que destaca o ponto de vista incontornável de Nelson Rossi (1967, p. 104, apud CARDOSO, 2010, p. 141):

Convirá, porém, nunca esquecer que a dialetologia é essencialmente contextual: o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área.

A influência dos ensinamentos de Nelson Rossi aparece nos desdobramentos metodológicos que permitiram a elaboração de projetos de atlas regionais sem perder de vista o objetivo maior que visa à produção do atlas nacional, como afirma Cardoso (2010, p. 72):

Importa salientar que a realização de atlas regionais para países que já dispõem de atlas nacional, e, vice-versa, a decisão de pensar-se em um atlas nacional para países que possuem atlas regionais não devem ser vistas como duplicidade de informação, redundância de dados, desvario científico ou desperdício de dinheiro. Um atlas nacional não poderá descer a minúcias, sob pena de ver reduzida a possibilidade de intercomparação de dados [...] e esse esquadrinhar, que é importante e necessário para se ter um melhor dimensionamento da língua num espaço determinado, é facultado pelos atlas regionais.

Atualmente, tem-se a publicação de vários atlas linguísticos, alguns, inclusive, como dissertações de mestrado ou teses de doutorado impulsionados pelo projeto de âmbito nacional Atlas Linguístico do Brasil, o que atesta a vitalidade de uma disciplina em constante renovação, acompanhando as mudanças geopolíticas e socioeconômicas do Brasil.

O projeto ALiB é resultado dessa vitalidade da dialetologia brasileira, consciente do seu papel em termos de pesquisa fundamental e das aplicações voltadas para políticas linguísticas e políticas de ensino. O projeto ALiB se iniciou em 1996, com a criação do Comitê Nacional para coordená-lo. Inicialmente, foi realizada uma elaboração detalhada do projeto, com a definição dos princípios metodológicos a serem seguidos e o estabelecimento do cronograma de trabalho. A partir dessa organização, fixaram-se a rede de pontos, o perfil e número de informantes e os instrumentos básicos de trabalho: os questionários. No ALiB, são utilizados três tipos de questionário direcionados: fonético-fonológico – QFF (159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia); semântico-lexical – QSL (202 perguntas) e

morfofossintático – QMS (49 perguntas). A estes são acrescentadas quatro questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal, seis perguntas metalinguísticas e um texto para leitura (“Parábola dos sete vimes”).

O projeto prevê um universo de 1.100 informantes, distribuídos por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e contemplando os dois sexos, alfabetizados até a 8ª série do ensino fundamental, salvos os casos das capitais, que incluem mais 4 informantes de ensino superior seguindo a mesma estratificação por idade e sexo. O projeto abrange as cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), somando 250 localidades.

O Projeto ALiB marca um avanço metodológico nos estudos da diversidade linguística brasileira, uma vez que incorporou o conceito de estratificação social no perfil dos entrevistados e uma divisão espacial que representa todo o território nacional. Nesse aspecto, o projeto confirma seu caráter pluridimensional em relação ao desenvolvimento histórico ocorrido na elaboração de atlas linguísticos, como veremos a seguir.

## 1.2 Avanços metodológicos na elaboração de atlas linguísticos

George Wenker, na Alemanha, e Jules Gilliéron, na França, iniciaram a história dos atlas linguísticos. A publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF) (1902-1910) suscitou grande interesse e deu partida a uma série de pesquisas que culminaram na elaboração de vários atlas linguísticos na Europa desde o início do século XX até os dias atuais. O processo naturalmente repercutiu em outras partes do mundo. Na América, podemos exemplificá-lo com o *Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (THUN; FORTE; ELIZAINCIN, 1992), o *Atlas Linguístico-Etnográfico do Norte do Chile* (PEÑA et al., 1998) e outros, dentre os quais destacamos o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), que está na iminência da publicação de seu primeiro volume.

A Dialetoлогия tradicional se ocupou da distribuição geográfica dos dialetos. Uma das atividades mais clássicas era a proposição de isoglossas (linhas imaginárias) que delimitam dialetos ou falares próprios de uma determinada região. Os primeiros atlas linguísticos publicados traziam, em sua metodologia, essa preocupação com a dimensão geográfica, apesar de, segundo Cardoso (2001), em alguns deles, como no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) (ROSSI, 1963), ser possível depreender as variantes sociais a

partir do exame do perfil dos informantes. Esses atlas, portanto, apresentam uma visão monodimensional da variação linguística, uma vez que, segundo Altino (2007), os mesmos estão focados na dimensão espacial.

Thun (1997, 1998 apud ALTINO 2007) propõe uma classificação dos atlas linguísticos em monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais. Para ele, os atlas monodimensionais estão focados na dimensão espacial e, por isso, permitem a identificação do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica. Os atlas bidimensionais, por outro lado, além da dimensão geográfica, contemplam outra dimensão: diagenérica ou diageracional. Já os atlas pluridimensionais focalizam, além da dimensão geográfica, duas ou mais dimensões sociais: diastrática, diageracional, diagenérica, diafásica, etc..

Algumas pesquisas adotam a nomenclatura multidimensional para se referir à classificação pluridimensional proposta por Thun (1997, 1998 apud ALTINO, 2007). Para Razky, Oliveira e Lima (2006, p. 117), “um atlas lingüístico fornece uma imagem multidimensional, ele mostra onde e como se dão as variações no espaço físico e social”. Nessa perspectiva, os atlas linguísticos multidimensionais, inspirados, portanto, nos avançados estudos sociolinguísticos, mapeiam outras variantes além da diatópica (geográfica), como: diagenérica ou diassexual, diageracional, diastrática e diafásica, somente para citar as mais comuns.

Para Thun (1997, p. 1 apud ALTINO 2007, p. 31), já no Atlas Linguístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional – AIS (1928-1940) pode-se observar a dimensão diastrática, pois ele “proporciona, para alguns pontos urbanos, os resultados dos famosos ‘relevés doublés’ [dados binários] feitos em duas camadas citadinas diferentes”. Por conta disso, pode-se dizer que esse foi o primeiro atlas pluridimensional publicado.

Analisando as metodologias empregadas na produção de 7 atlas estaduais e 1 regional do Brasil, Altino (2007, p. 31) apresenta a seguinte classificação:

#### **a. Atlas Monodimensionais**

Para a autora, são classificados como monodimensionais, uma vez que fixaram o interesse de cartografar apenas na dimensão diatópica, o *Atlas Prévio do Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963), o *Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG* (ZÁGARI et al., 1977), o *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002).

## **b. Atlas Bidimensionais**

Como bidimensionais, Altino (2007, p. 42-43) cita os seguintes atlas: *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS I* (ROSSI, 1987); *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR* (AGUILERA, 1994) e o *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS II* (CARDOSO, 2002), uma vez que contemplaram, além da dimensão diatópica, a dimensão diagenérica. A essa lista dos atlas bidimensionais, acrescentamos o *Atlas Lingüístico do Paraná II – ALPR II* (ALTINO, 2007).

## **c. Atlas Pluridimensionais ou Multidimensionais**

Em sua proposta de classificação, Altino (2007, p. 49) aponta o *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (RAZKY, 2004) como o primeiro dos atlas brasileiros com cunho pluridimensional, uma vez que estes “combinam a dialetologia areal com a sociolingüística para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em um estudo tridimensional da variação lingüística” (THUN, 1997, p. 4 apud ALTINO, 2007, p. 49). Além desse, a autora cita o *Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004) como uma tese de doutorado com todas as prerrogativas para ser classificada como um estudo pluridimensional, uma vez que trata das variantes diatópica, diagenérica e diageracional, além de controlar a escolaridade dos informantes.

Posteriormente ou concomitantemente à produção da tese de Altino (2007), foram publicados os seguintes atlas: *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (OLIVEIRA, 2007) e o *Atlas Lingüístico do Ceará – ALECE* (BESSA, 2010), além de outros estudos em forma de teses de doutoramento: *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC* (CRISTIANINI, 2007); *Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar – ALiPTG* (PEREIRA, 2007) e o *Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ihabela, São Sebastião e Ubatuba* (ENCARNAÇÃO, 2010). Todos eles estão enquadrados como produtos pluridimensionais, ou multidimensionais, uma vez que se encaixam na classificação proposta por Thun (1997, 1998 apud ALTINO, 2007). Também se pode inserir nesse elenco vários dos atlas que estão em fase de elaboração atualmente, dentre os quais destacamos o *Atlas Geossociolingüístico do Pará – ALiPA* e o projeto *Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB*.

## **2 Metodologia**

O presente estudo propõe uma análise de variação lexical nas capitais brasileiras em uma perspectiva sociodialetal, focalizando o item lexical “*cigarro de palha*”, que integra o campo semântico *Convívio e comportamento social* do

Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Descrevem-se as diferentes variantes do item lexical. Como o projeto ALiB insere a geografia linguística do espaço brasileiro dentro de uma perspectiva multidimensional, procuraremos observar a variação desse item lexical no espaço físico e social.

O item lexical “*cigarro de palha*” é analisado em 25 capitais brasileiras. A amostra utilizada aqui faz parte do *corpus* do projeto ALiB. Trata-se de 200 informantes (8 por capital) que responderam à questão 145<sup>1</sup> do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Esses informantes distribuem-se equitativamente, seguindo a metodologia do projeto, com base nos grupos de fatores sociais codificados, como segue:

- idade: 18 a 30 anos (A) e 50 a 65 anos (B);
- sexo: masculino (M) e feminino (F);
- escolaridade: fundamental (1) e superior (2).

A pesquisa desenvolveu-se mediante a realização destas etapas:

- a) seleção das variantes lexicais registradas nas capitais brasileiras como resposta à pergunta 145;
- b) elaboração da carta lexical “*cigarro de palha*”<sup>2</sup>;
- c) consulta aos dicionários da língua portuguesa Houaiss (2007) e Ferreira (2009);
- d) análise lexical sob a perspectiva espacial e social;
- e) análise da vitalidade do conceito ‘isoglossas’.

Os dados lexicais foram extraídos do acervo do projeto ALiB. Para a elaboração da primeira carta experimental (ver figura 1), utilizou-se o programa GeoLing<sup>3</sup> que permite a organização de dados geolinguísticos para gerar automaticamente cartas linguísticas interativas que podem ser impressas.

---

<sup>1</sup> Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

<sup>2</sup> Carta produzida, em colaboração, por Anderson Cidade do Nascimento, para seu trabalho de conclusão de curso.

<sup>3</sup> Programa desenvolvido no grupo de pesquisa GeoLinTerm, cuja maquete está em fase de testes. É um programa computacional capaz de responder às exigências da geolinguística pluridimensional no sentido de mapear qualquer base de conhecimento da variação fonética e/ou lexical, com a possibilidade de uma estratificação social ampla em número de informantes e variáveis sociais nas diferentes localidades investigadas.

### 3 Análise Lexical da Carta Preliminar 145 – “cigarro de palha”

Nesta seção, busca-se analisar a distribuição da variação diatópica e diastrática das variantes lexicais da questão 145 do QSL. Antes, porém, procurou-se em dois dicionários da língua portuguesa – Houaiss (2007) e Ferreira (2009) – a presença dos itens lexicais que aparecem nas capitais brasileiras.

#### 3.1 As variantes de “cigarro de palha” nos dicionários da língua

O Quadro 1 demonstra o registro do item lexical “cigarro de palha” nos dois dicionários supracitados. As variantes de “cigarro de palha” atestadas nos dados do ALiB são classificadas em função da presença do item lexical no dicionário como entrada que constitui uma variante de “cigarro de palha”, como variante dentro de uma entrada especificada, ou como entrada que tem outro sentido.

**Quadro 1** – Registro das variantes de “cigarro de palha” em Houaiss (2009) e Ferreira(2007)

“cigarro de palha”	Variante registrada como entrada	Variante dentro de uma entrada	Entrada com outro sentido
cigarro de palha	-	palheiro	-
porronca	-	-	-
cigarro de fumo	-	+	
palheiro	+	-	-
tabaco	+		
fumo-de-corda	-	fumo	-
pé-de-burro	+	-	-
pé-duro	-	-	+
brejeiro	-	-	+
picão	-	-	+
sabiá	-	-	+

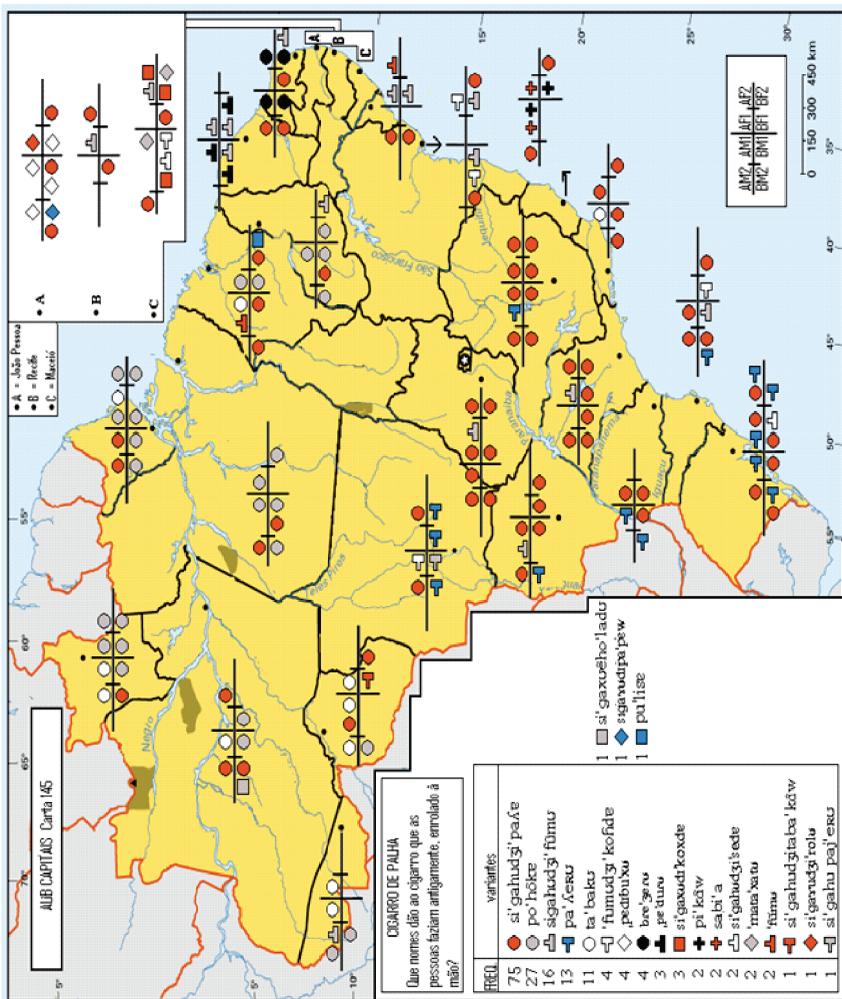
“cigarro de palha”	Variante registrada como entrada	Variante dentro de uma entrada	Entrada com outro sentido
mata-rato	-	cigarro	+
puliça	-	-	-
cigarro de seda	-	-	-
cigarro de tabacão	-	-	-
cigarro de rolo	-	-	-
cigarro palheiro	-	-	-
cigarro enrolado	-	-	-
cigarro de papel	-	-	-

O Quadro 1 revela que uma carta lexical é, hoje, fonte incontornável para o fazer lexicográfico e/ou terminográfico, pois registra a diversidade lexical, como mostra a carta experimental dos dados brutos de “*cigarro de palha*” na figura 1, gerada pelo programa Geoling, com adaptações posteriores.

### 3.2 Análise da dimensão espacial

Dividimos a análise da carta “cigarro de palha” em três dimensões geográficas, quais sejam: a territorial, a regional e a local.

Do ponto de vista geográfico territorial, a variante “*cigarro de palha*” apresenta maior frequência e caracteriza o português brasileiro, pois é atestada em todas as capitais brasileiras (com exceção de Fortaleza e Rio Branco) com 75 ocorrências, estando a maior parte delas concentrada na região Centro-Sul do Brasil (47) e o restante se distribuindo nas regiões Norte e Nordeste (28). Assim, o Centro-Sul representa 63% do uso dessa variante, enquanto as outras regiões totalizam apenas 37%.



**Figura 1** – Carta experimental 145 “cigarro de palha”  
(dados do Projeto ALiB)

Do ponto de vista geográfico regional, a variante “porronca” apresenta a segunda maior frequência e está concentrada na região Norte, mais especificamente nas capitais Boa Vista, Macapá, Manaus e Belém, que, juntas, totalizam 18 de um total de 27 ocorrências, o que representa uma frequência de 67%. O uso dessa variante se estende, ainda, para duas capitais da região

Nordeste, São Luís e Teresina, que estão na divisa com o Norte, com uma frequência de 22% (6 ocorrências). A variante “*porronca*” aparece também nas cidades de Rio Branco e Porto Velho com a frequência de 11% (3 ocorrências). Pode-se verificar que o uso recorrente de “*porronca*” nas quatro últimas cidades citadas constitui uma isoglossa que se espalha, ao leste, para São Luís e Teresina e, ao sudoeste, para Rio Branco e Porto Velho. A variante “*porronca*” não ocorre no litoral nordestino e nem no Centro-Sul, sendo, portanto, característica do falar nortista, conforme a tabela seguinte:

**Quadro 2** – Frequência da variante “*porronca*” nas regiões brasileiras

VARIAÇÃO REGIONAL	Variante “ <i>porronca</i> ”
Norte	67%
Nordeste divisa com Norte	22%
Noroeste divisa com Norte	11%
Outras regiões	0%

Ainda analisando o espaço regional, verifica-se que as variantes “*cigarro de palha*” e “*porronca*” delimitam duas áreas dialetais distintas, a saber: o Norte, onde se tem a predominância do uso de “*porronca*” e o Centro-Sul, onde predomina o uso de “*cigarro de palha*”, que parece se expandir pelo litoral nordestino e atingir o Norte.

A variante “*cigarro de fumo*” apresenta 16 ocorrências, das quais 11 (69%) se concentram nas capitais da região Nordeste, com exceção de São Luís e João Pessoa. As outras 5 ocorrências (31%) distribuem-se pelas demais regiões brasileiras: na região Norte (Rio Branco, 1), Centro-Oeste (Goiânia, 1 e Campo Grande, 1), Sudeste (São Paulo, 1) e Sul (Florianópolis, 1), com ocorrência muito baixa. *Cigarro de fumo* tende, então, a caracterizar o Nordeste do Brasil.

A variante “*palheiro*” apresenta 13 ocorrências, todas na região Centro-Sul do Brasil, onde se destaca, em primeiro lugar, Porto Alegre, com 5 ocorrências, representando 38% dos usos, seguida de Cuiabá, com 3 ocorrências (23%) e Curitiba com 2 ocorrências (15%). Essa variante ocorre, ainda, em Campo Grande, Belo Horizonte e Florianópolis, com baixa

frequência. “*Palheiro*” não é registrado nas regiões Norte e Nordeste, sendo, portanto, característica da região Centro-Sul.

A variante lexical “*tabaco*” apresenta 11 ocorrências e, assim como a variante “*porronca*”, está concentrada na região Norte, apesar de apresentar 1 registro no Nordeste (em São Luís) e 1 no Sudeste (Rio de Janeiro). As duas variantes coocorrem no espaço nortista.

Do ponto de vista geográfico local, destacam-se as demais variantes lexicais que denominaremos variantes locais. Essas variantes são atestadas, a maior parte delas, nas capitais nordestinas, com as seguintes exceções: “*fumo de corda*” que, além de Maceió e Salvador, aparece em Campo Grande e Florianópolis; as variantes “*picão e sabiá*”, encontradas em Vitória; “*cigarro de seda*”, atestada em Maceió e em Porto Alegre; “*cigarro de tabacão*”, registrada em Porto Velho; “*cigarro palheiro*”, encontrada em Campo Grande, e “*cigarro enrolado*”, registrada em Manaus. Esclarecidas as restrições, situam-se: “*pé-de-burro*”, “*cigarro de rolo*” e “*cigarro de papel*” em João Pessoa; “*brejeiro*” em Rio Grande do Norte; *pé duro* em Fortaleza; *cigarro de corda* e *mata-rato* em Maceió; “*fumo*” e “*puliça*”, em São Luís e Aracaju. Nota-se, então, do ponto de vista da variação lexical, que o Nordeste tem um papel importante na criação de neologismos locais, que não atinge a dimensão regional ou territorial devido à pressão social do Centro-Sul que, por sua posição de prestígio, age ainda como barreira aos usos nordestinos e nortistas, até certo ponto. Essa constatação sociolinguística tem respaldo no preconceito que o próprio nordestino tem sofrido em grandes centros urbanos do Centro-Sul, em razão do seu sotaque e dos estereótipos veiculados pela mídia em programas de grande audiência. A não valorização de lexias do Nordeste, entre outras regiões, é confirmada por Carvalho (2000),

... uma vez que a língua e a cultura são indissociáveis, no Nordeste, encontramos nessa região uma cultura rica em termos, ritmos e expressão plástica, com um traço eminentemente popular, que não se aprende na escola, nem é valorizado em época de globalização.

### 3.3 Análise da dimensão social

#### 3.3.1 Faixa etária

Com relação à idade, um fato que chama atenção é a ocorrência da variante *tabaco*. A análise geográfica mostrou que *tabaco* individualiza o falar nortista. A análise social, por sua vez, possibilita a percepção de outro fenômeno que ocorre com essa variante: ela é registrada apenas na primeira faixa etária (100%), ou seja, entre os jovens. No entanto, a faixa etária parece não influenciar o uso de todas as outras 20 variantes lexicais. Apesar disso, acreditamos que só a análise lexical de todas as perguntas do QSL permitirá demonstrar o peso da dimensão diageracional no território brasileiro. Alguns estudos sobre a variação lexical nos dados do projeto ALiB já apontam para a influência da dimensão diageracional, como observa Paim (2011) em relação às variantes “dor d’olho” e “conjuntivite”, da questão 96 do QSL do ALiB: “Do ponto de vista diageracional, a variante lexical dor d’olho é sinalizada no discurso dos informantes como uma variante típica de informantes mais velhos, já conjuntivite é apontada nos exemplos como a maneira mais atual de falar.”

#### 3.3.2 Sexo

Essa variável não é muito determinante na escolha da maioria das variantes. No entanto, podemos observar algumas diferenças nas frequências de uso nas seguintes variantes lexicais: “*cigarro de palha*” foi atestado em 31 ocorrências (41%) na fala das mulheres e em 44 ocorrências (59%) na fala dos homens, sendo, portanto, mais utilizada pelos homens. A variante “*porronca*” foi registrada em 14 ocorrências (52%) no falar feminino e em 13 ocorrências (48%) no falar masculino. A variante “*cigarro de fumo*” foi usada 11 vezes (69%) pelas mulheres e 5 (31%), pelos homens, sendo, portanto, do domínio feminino. A variante “*palheiro*” foi atestada 5 vezes (38%) na fala feminina e 8 vezes (62%) na fala masculina e, finalmente, “*tabaco*” foi registrado 3 vezes (27%) no falar feminino e 8 vezes (73%) no falar masculino.

Percebem-se, então, indícios de uma orientação diagenérica no uso de itens lexicais cuja diferença em percentuais é importante, como é o caso de “*tabaco*”, “*palheiro*” e “*cigarro de palha*” mais usados entre os homens e “*cigarro de fumo*” e “*porronca*” entre as mulheres.

### 3.3.3 Escolaridade

No que se refere à escolaridade, verifica-se que é fator determinante na seleção das variantes. Os itens lexicais “*vigarro de palha*” e “*porronca*” são bons exemplos da influência desse fator social: “*vigarro de palha*” é mais recorrente entre falantes do nível superior, 44 ocorrências (59%), do que entre falantes do nível fundamental, com 31 registros (41%). Já “*porronca*” acontece mais na fala de informantes de nível fundamental, com 16 ocorrências (59%) do que na fala de informantes de nível superior, com 11 ocorrências (41%). A relação dessas variantes com a escolaridade é visível na carta analisada. Isso é um resultado interessante para a geolinguística brasileira, cujos atlas regionais não registravam a influência da variável escolaridade. Outras cartas lexicais experimentais do ALiB e o futuro volume de cartas definitivas mostrarão o quanto essa variável é produtiva no Brasil, uma vez que a escolaridade tem contribuído significativamente para uma mudança de hábitos lexicais tradicionalmente marcados dialetalmente.

**Quadro 3** – Estratificação por escolaridade do item lexical “*vigarro de palha*”

	Nível fundamental	Nível superior
<i>vigarro de palha</i>	41%	59%
<i>porronca</i>	59%	41%

### 3.4 Isolexias e/ou agrupamentos

As cartas monodimensionais<sup>4</sup> têm uma característica metodológica que facilita a produção de cartas isoléxicas, uma vez que não integra uma amostra estratificada dos informantes, nem mais de um informante por localidade em boa parte dos atlas publicados no Brasil. Com o advento da geolinguística bidimensional e pluridimensional, a análise de dados geolinguísticos ganhou em complexidade, pois passou a permitir cruzamento

---

<sup>4</sup> Atlas que apresentavam cartas monodimensionais, que são geralmente cartas diatópicas.

de dados na mesma localidade e entre localidades (RAZKY, 2004). Em decorrência disso, o mapeamento de dados começa a revelar uma diversidade lexical no mesmo espaço físico, apesar de ainda se manterem configurações de uma identidade local ou regional que passa a ser vista em termos estatísticos para estabelecer tendências e não características de identidades fixas. Assim, o conceito de isolexias passa, pouco a pouco, a ceder espaço a um conceito menos homogêneo, que pode ser chamado de agrupamentos, uma vez que, numa mesma localidade, podem ocorrer outras variações de menor uso, mas atestadas pela pesquisa de campo.

O conceito de agrupamento lexical vem acompanhando essa mudança em curso do léxico que, por sua vez, é fruto de uma mobilidade geográfica dos falantes e do acesso ao universo lexical do outro, através dos meios de comunicação. Além disso, o fluxo de interações verbais, fruto de redes de comunicações complexas, vem quebrando o paradigma de isolexias ou, pelo menos, o colocando dentro de um conceito do contínuo linguístico bem conhecido dos estudos sociolinguísticos.

Se nos limitarmos apenas às cinco variantes mais produtivas do item lexical em análise (figura 2), consideradas do ponto de vista espacial, podemos verificar um registro maior de variação numa mesma localidade ou região, o que sugere uma expansão do universo de acesso à variabilidade lexical pelo falante.

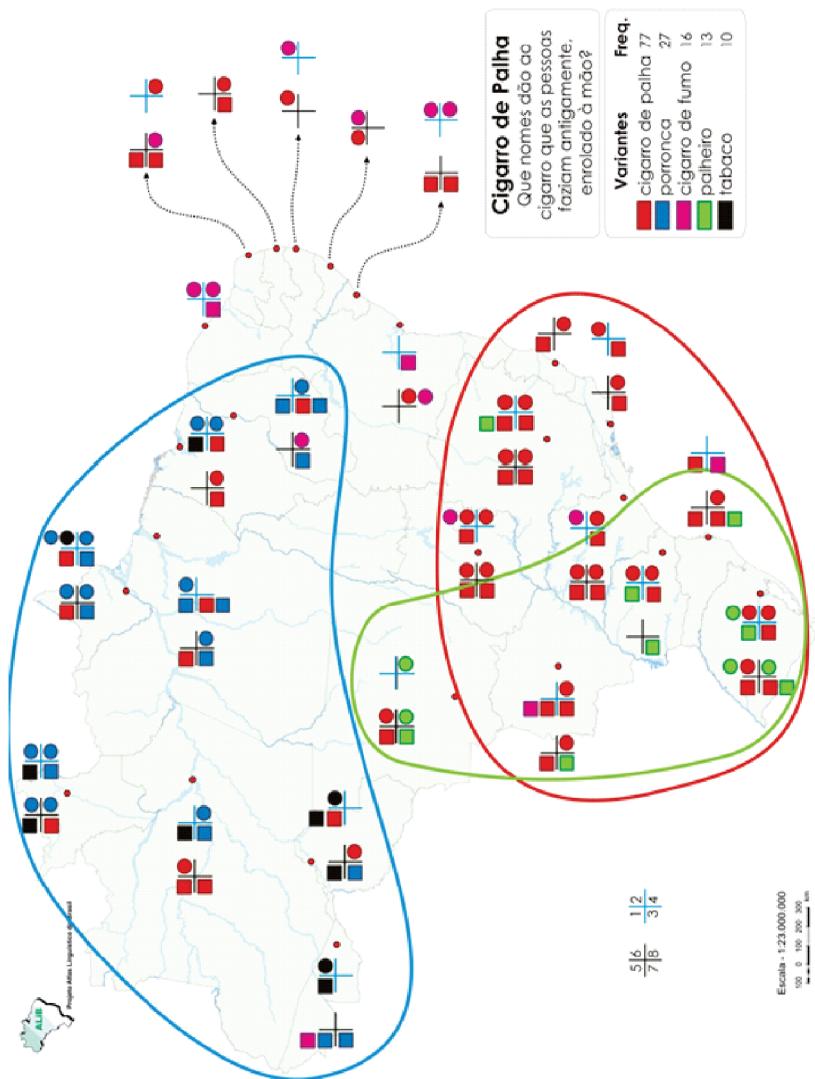
Essa configuração dos dados lexicais é possível graças à implantação de uma metodologia pluridimensional que consegue mostrar uma realidade mais complexa.

No entanto, apesar de os espaços geográficos das capitais brasileiras mostrarem uma variação extensiva do item “*vigarro de palha*”,<sup>5</sup> podemos traçar coleções lexicais nas quais é possível ainda ver, conforme a figura 2, agrupamentos regionais que demonstram uma mudança em curso na divisão linguística estabelecida por Nascentes (1958), que deve ser confirmada por outras cartas lexicais.

---

<sup>5</sup> Os números de 1 a 8 nas cruzes se referem a: 1- masculino, 2- feminino (ambos de 18-30 anos), 3- masculino e 4- feminino (ambos de 50-65 anos). Todos os 4 informantes são escolarizados até o ensino fundamental. De 5- 8, seguem a mesma classificação, mas todos os informantes são escolarizados até o ensino superior.

**Figura 2** – Carta experimental com agrupamentos espaciais das variantes de “cigarro de palha”



A carta lexical (figura 2) mostra 3 grandes concentrações não homogêneas que marcam espaços no território brasileiro. São elas: a variante “*cigarro de palha*”, que se concentra mais ao Centro-Sul (77 ocorrências), “*porronca*”, ao Norte, incluindo um pequeno espaço do Nordeste, divisa com o Norte (27 ocorrências), e “*palheiro*”, que aparece mais no oeste do Centro-Sul (12 ocorrências). Outro agrupamento menos centrado do ponto de vista diatópico é o da variante “*cigarro de fumo*”, mais marcada no Nordeste (10 ocorrências) e que aparece de forma tímida no Centro-Sul (6 ocorrências). Podemos citar, também, o registro da variante “*tabaco*” no Norte (10 ocorrências).

Os resultados apresentados nesses agrupamentos demonstram que o conceito de isoglossas precisa ser revisto à luz das mudanças linguísticas em curso no português brasileiro. A metodologia da geografia linguística pluridimensional contribui para diminuir a força centralizadora de algumas variantes lexicais que apareciam numa forma homogênea em alguns atlas linguísticos regionais de primeira geração. Os resultados, por exemplo, da variação de “*cigarro de palha*” sugerem uma mudança notável no esquema proposto por Nascentes para a divisão dialetal brasileira, uma vez que mudanças dentro do contínuo rural-urbano apontam para uma reorganização do espaço lexical brasileiro. O fato não se limita apenas à dimensão lexical, pois outros resultados da variação fonética já vêm registrando essa mudança dentro de fronteiras interestaduais. Razky (2010, p. 329)<sup>6</sup> observa essa mudança de perspectiva motivada pela introdução de variáveis sociodialetais (espaço geográfico e espaço social) ou geografia pluridimensional, ao afirmar:

... il nous est possible d'affirmer la valeur de l'espace géographique même dans des sous-espaces définis politiquement comme les régions.

---

<sup>6</sup> Podemos afirmar o valor do espaço geográfico até dentro de subáreas definidas politicamente como regiões. Os estudos sociolinguísticos no Brasil que se dedicam a áreas muito limitadas, como a descrição de uma cidade, acabam, muitas vezes, por generalizar ou induzir a generalizações de seus resultados para áreas vizinhas, criando, assim, dialetos imaginários, enquanto a variação linguística está sujeita (é assunto par) a muitas variáveis e a variável geográfica tem um peso muito grande. Outros estudos, por terem como objetivo áreas geográficas extensas e uma amostragem reduzida, podem também ignorar a riqueza que uma boa estratificação social pode produzir. É nesse sentido que defendemos a abordagem geossociolinguística.

Les études sociolinguistiques au Brésil qui se sont consacrées à des espaces très limités, comme la description d'une ville, finissent souvent par généraliser ou induire à des généralisations de leur résultats aux espaces voisins créant ainsi des dialectes imaginaires, alors que la variation linguistique est sujette à beaucoup plus de variables et que la variable géographique a un poids très important. D'autres études, pour avoir comme objectif des espaces géographiques étendus et un échantillonnage réduit, peuvent aussi laisser de côté la richesse qu'une bonne stratification sociale peut produire. C'est dans ce sens que nous défendons la démarche géossociolinguistique.

No caso do item lexical analisado, podemos verificar que a metodologia do ALiB, que prevê 8 informantes estratificados por idade, sexo e escolaridade dentro de um espaço geográfico extenso, representando as capitais brasileiras, permite relativizar o valor atribuído ao conceito "isoglossas", ao mostrar uma heterogeneidade crescente dentro de cada subespaço geográfico.

## Conclusão

A análise da variação lexical registrada na carta lexical "*vigarro de palha*" vem corroborando a necessidade de aprofundar as pesquisas sociodialetais ou geossociolinguísticas sobre o léxico. A divisão do Brasil numa dimensão territorial, regional e local deu conta da complexidade de estudar a variação lexical fora de sua dimensão geográfica, pois, como mostrou a figura 1, em cada um dos níveis geográficos, conseguimos apontar agrupamentos do item lexical em questão. A dimensão social, por sua vez, tem uma contribuição significativa ao verificar se existe uma estratificação social por faixa etária, sexo e escolaridade no que diz respeito às variáveis sociais levadas em conta pela metodologia do ALiB. Podemos observar, de fato, por meio da figura 1, que as variáveis diagenérica e diagenérica não têm influência determinante sobre a variação do item lexical em questão, embora algumas variantes apontem para uma estratificação por idade e sexo. Mostramos, também, que a escolaridade apresenta influência no uso de duas variantes de "*vigarro de palha*". Mas, a estratificação social do conjunto das variáveis atesta que há mudanças entre os mapeamentos feitos por atlas regionais monodimensionais e as cartas pluridimensionais que registram uma variabilidade mais complexa,

que coloca em questão a realidade de fronteiras dialetais. O estudo sugere que, apesar de haver agrupamentos lexicais, a mobilidade populacional, ou a mobilidade comunicativa, pode levar à presença de itens lexicais tradicionalmente marcados dialetalmente em outras regiões do Brasil. Isso corroboraria a ideia de mobilidade geográfica do léxico dialetal e da ampliação da competência lexical dialetal dos falantes brasileiros.

## Referências

AGUILERA, V. *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1996.

ALTINO, F. C. *Atlas Lingüístico do Paraná II*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. P. B. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq; Coordenação Editorial, 1984. 2 v.

ARAGÃO, M. S. S. Variação fonético lexical em Atlas Lingüísticos do Nordeste. *Revista GELNE*, a. 1, n. 2, 1999.

BESSA, J. R. F. *Atlas lingüístico do Ceará (Volume II)*. Fortaleza: UFC, 2010

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.

CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CARVALHO, N. *A língua do Nordeste*. 2000. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/linguane.htm>>. Acesso em: 20 de junho de 2013.

CARDOSO, S. A. M. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 17, n. esp., p. 25-44, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 4 jun. 2013.

CARDOSO, S. A. M.. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

COUTO, H. H. do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

CRISTIANINI, A. C. *Atlas semântico lexical da região do grande ABC*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CRUZ, M. L. de C. *Atlas lingüístico do Amazonas (ALAM)*. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ihabela, São Sebastião e Ubatuba: municípios do litoral norte de São Paulo*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

FAULSTICH, E. *Base metodológica para pesquisa em Socioterminologia. Termo e variação*. Brasília: Universidade de Brasília; LIV, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

GAUDIN, F. *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

KOCH, M.; KLASSMAN, S.; ALTENHOFEN, C. V. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRG; Florianópolis: Ed. UFSC; Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

MILANI, G. A. L. Os estudos dialetológicos no Paraná. In: *Estudos Lingüísticos XXXIII*, p. 1066-1070, 2004. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/os\\_estudos\\_diatelologicos.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/os_estudos_diatelologicos.pdf)>. Acesso em: 4 jun. 2013.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCENTES, a. Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil. v. 1. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, D. P. (Org.). *ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAIM, M. M. T. A variação lexical nos campos semânticos ‘*corpo humano*’ e ‘*ciclos da vida*’: o que revelam os dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 143-159, 2011. Disponível em:<<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/issue/view/11>> Acesso em: 20 de julho de 2013.

PEREIRA, M. das N. *Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar*. 2007. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RAZKY, A. (Org.) *Atlas lingüístico sonoro do Pará*. Belém: UFPA; CAPES; UTM, 2004. [1 CD-Rom].

RAZKY, A. La variation phonétique entre sociolinguistique et géographie linguistique. *Revista Lenguaje*, p. 314-330, 2010.

RAZKY, A.; LIMA, A.; OLIVEIRA, M. Atlas lingüísticos: contribuição para o ensino básico. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M.. *Documento 2: projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. São Paulo: Quarteto, 2006. p. 109-125.

RIBEIRO, S. B. B. C.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009.

ROSSI, N. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ZÁGARI, M. R. L.; RIBEIRO, J.; PASSINI, I. et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

YIDA, Vanessa. A interface de dicionários regionais e estudos geolinguísticos: o verbete. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1., 2010, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2010.

WÜSTER, E. La normalisation du langage technique. Problèmes et état actuel (E. Trofer, J. Lefevre, F. Lang, & R. Fisher-Mayenburg, Trans.). *Revue de la Documentation*, v. 26, n. 2, p. 43-49, 1959.